

# “Madame minister” irrita credores

**Decisão de alterar o ritual de negociação aborreceu banqueiros e alguns vão reagir**

PAULO SOTERO  
Correspondente

WASHINGTON — “Madame minister”, a forma de tratamento que os banqueiros e executivos de negócios americanos usaram com frequência no início desta semana em Washington e Nova York ao dirigir-se à ministra da Economia Zélia Cardoso de Mello, sugere respeito e finesse. Engana-se, contudo, quem tomar a expressão elegante como um sinal de consideração especial pela ministra. Zélia e sua equipe, que viram as críticas contra sua atuação aumentar fortemente no empresariado brasileiro depois das trapalhadas com o IOF e o salário do funcionalismo, na semana passada, estarão, agora, sob fogo crescente dos credores externos.

A indicação que ela deu aos banqueiros com quem conversou em Nova York, sobre a intenção do governo de alterar o ritual tradicional das negociações e iniciar os entendimentos, desta vez em Brasília, surpreendeu e irritou os credores e parece ter animado alguns deles a reagir. Reproduzindo algumas críticas já comuns à equipe econômica no Brasil, o representante de um dos maiores credores do País colocou em questão a competência da minis-



Associated Press — 2/5/90

**Carla Hills: “Nós queremos ajudar o Brasil”**

tra da Economia e de seus assessores. “Eles não sabem o que querem nem o que estão fazendo. Não têm experiência de mercado, estão confiando em pessoas desatualizadas e aconselham mal o presidente Collor”, disparou o executivo.

Críticas parecidas ajudaram a solapar o ex-ministro da Fazenda Dilson Funaro após a decretação da primeira moratória da dívida, em 1987. Uma diferença crucial entre a situação de 1987 e a de agora influencia, contudo, os cálculos e as ações dos banqueiros americanos em relação ao governo Collor. O governo de Washington, que fez tu-

do o que pôde para isolar Funaro e apressar sua queda, parece gostar de Zélia e mantém uma clara disposição de apoio ao programa de reforma econômica que ela está conduzindo. Um exemplo disso foi a decisão da Casa Branca de antecipar o encerramento formal da investigação iniciada contra o Brasil, no ano passado, sob a seção Super 301 de sua lei de comércio, e anunciá-la durante a visita da ministra a Washington, no início da semana. A divulgação da notícia foi determinada pelo desejo de ajudar politicamente Zélia no momento em que ela estava sob fogo cerrado em casa, depois de uma péssima semana. “Nós quere-

mos ajudar”, confirmou ao Estado a chefe do Escritório de Comércio Exterior da Casa Branca, Carla Hills.

É porque sabem disso — e continuam a ter esperança de receber um pagamento de juros em junho, a tempo de afastar o risco de write offs de uma parte de seus ativos brasileiros, por ordem das autoridades financeiras federais — que os grandes bancos americanos, em sua maioria, procuraram, até agora, ser diplomáticos ao manifestar sua preocupação e contrariedade com os rumos da negociação com o Brasil.

Quanto à “madame minister”, se já não sabia ela descobriu, há duas semanas, que na difícil queda-de-braço que começou a jogar com os bancos internacionais o tratamento normalmente reservado às ladies não faz parte das regras. No domingo, dia 6 de maio, Zélia, que estava em Washington para uma reunião do Fundo Monetário Internacional, tinha um encontro com John Reed, o presidente do Citibank, que pedira para vê-la. Na hora marcada, contudo, apareceu apenas o presidente do comitê de bancos credores, William R. Rhodes, um alto executivo do Citi. A ausência de Reed foi interpretada pelas autoridades brasileiras como um gesto político calculado e não agradável. Subitamente, a ministra ficou ocupadíssima e Rhodes precisou se contentar com um encontro com o negociador da dívida, embaixador Jório Dauster.